



Vai malandra: Anitta e as discussões no Twitter acerca da representatividade da mulher brasileira¹

Vai malandra: Anitta and the discussions on Twitter about the representativeness of Brazilian women

Sandra Depexe

Docente do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Comunicação pela mesma instituição.

Alexandra Martins Vieira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial, pela mesma universidade. Bolsista Capes.

Laura Simon Marques

Pós-graduanda em Relações Internacionais e Diplomacia pela UNISINOS. Bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria.

Marina Judiele dos Santos Freitas

Bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria.

¹ Esta é uma versão revisada e ampliada de um trabalho apresentado no XX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul - Intercom Sul em Porto Alegre, 2019.



Resumo

O objetivo do texto é investigar as construções simbólicas de revolta e rejeição à cantora Anitta em mensagens da hashtag #AnittaRepresentaAMulherBR que subiu aos trending topics do Twitter no dia internacional da mulher de 2016. Os tweets foram coletados de acordo com métodos, técnicas de monitoramento e a Análise de Redes Sociais (ARS), com base em Fragoso, Recuero e Amaral (2011) e tensionados com os conceitos de representação e identidade a partir de Hall (2009) e Woodward (2012). Como resultado notamos que o sentido de ofensa contido nos tweets remete à associação da cantora com classe e sexualidade.

Palavras-chave: Anitta. Twitter. Representação. Classe.

Abstract

The present article aims to investigate the symbolic constructions that revolve around the hashtag #AnittaRepresentaAMulherBR (literally translated as AnittaRepresentsTheBrazilianWoman) a viral trending on Twitter in 2016. Although the hashtag treats the singer Anitta as representing Brazilian woman, the opinions expressed contradicting the previous affirmation. Through the use of monitoring methods and social network analysis by Fragoso, Recuero and Amaral (2011) also Hall (2009) and Woodward (2012)'s concepts of representation and identity, we explore the symbolic meanings of sexuality and class represented by Anitta and how it led to the revolt found in social media discourse.

Keywords: Anitta. Twitter. Representation. Class.



Considerações iniciais

Quem representa a mulher brasileira? A disputa é grande: celebridades, figuras históricas, pessoas comuns e personagens fictícias, desde Gisele Bündchen, Maria da Penha, Dandara, a avó e até Capitu. Devido à pluralidade de concepções e recortes possíveis, chegar em um consenso nominal é difícil. Tomando por exemplo as representações da mulher na esfera midiática, compreendemos que as noções de representação e identificação são atravessadas por questões de classe (ESCOSTEGUY et al, 2013; RONSINI, 2016; RONSINI et al, 2017; SIFUENTES et al, 2013). A associação das classes populares à brasilidade e a superação das dificuldades como narrativa heróica, permite reconhecermos que adjetivos como “guerreira” e “batalhadora” são utilizados para enaltecer trajetórias de vida calcadas na desigualdade, assim como as histórias de ascensão social servem como inspiração em telenovelas. Do mesmo modo, o imaginário recorrente é de que “as brasileiras expõem o corpo e frequentemente reduzem a roupa a um simples instrumento de sua valorização: em uma espécie de ornamento” (GOLDENBERG, 2011, p.55). É interessante notar, porém, quando uma celebridade que, de muitas maneiras, possui uma história parecida com a de muitas mulheres do país ou reflete um suposto ideal corpóreo, é veemente rechaçada como possível representante da mulher brasileira.

A cantora Anitta, caso que iremos analisar, tem origens de classes populares, é filha da mistura da mãe paraibana e da família negra do pai, e sua trajetória para chegar ao sucesso ressoa com outras histórias de ascensão social. Porém, a *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR, que subiu aos *trending topics*² do Twitter no dia internacional da mulher em 2016, parece discordar, já que as mensagens coletadas são contrárias à afirmação feita pela *hashtag*.

A simbologia do que representa Anitta e o conflito da associação de sua imagem à ideia do que se entende por mulher brasileira, pode ser analisada a partir do que se compreende por identidade. Segundo abordado por Castells (1999), os atores sociais constroem a identidade por meio de referenciais, nos quais o indivíduo coleciona ao longo de seu desenvolvimento, e podem ser moldados a partir de um pluralismo de identificações resultando em uma série de tensões e contradições no autorreconhecimento do indivíduo. A concepção debatida por Hall (2009) sinaliza que as identidades são “multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2009, p.108). Ou seja, a identidade não corresponde a um núcleo estável, permanente frente às mudanças históricas, nem tampouco a um “eu coletivo” do pertencimento a uma identidade cultural estável e imutável, superficial ou artificialmente imposta. Desta maneira, a persona criada pela cantora Anitta desde suas origens até ascensão por meio da música, trabalha com os complexos fatores envolvidos na interpretação da identidade.

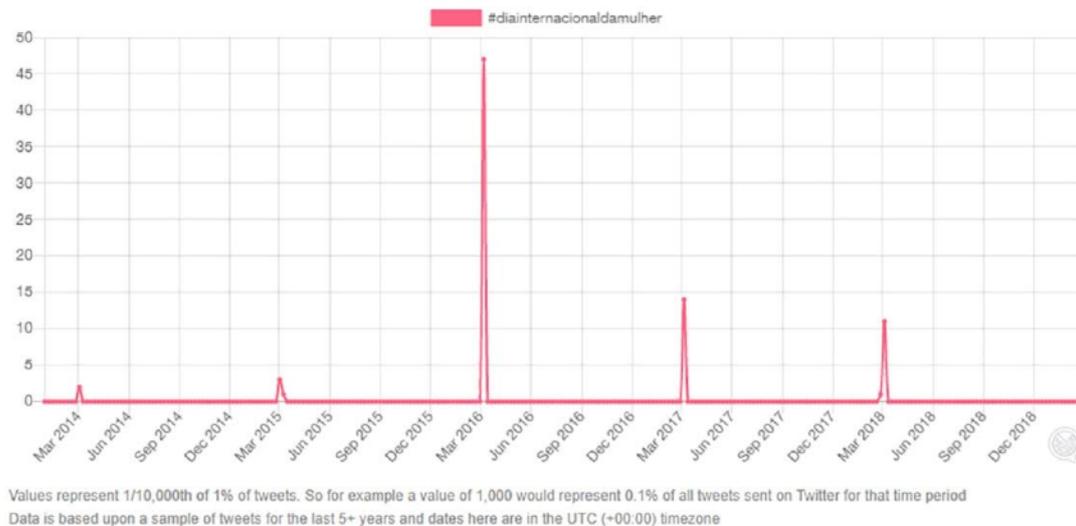
O objetivo desse artigo é investigar a construção simbólica que recusa a associação de Anitta como representante da mulher brasileira no Twitter. Se tantas mulheres podem ser consideradas para representar a mulher brasileira, por que não Anitta?

² Lista dos assuntos em evidência, em tempo real. Alude à participação coletiva em uma dada discussão. Também nomeada como *trends topics*, *trends* ou pela sigla TTs.

Vai Malandra: metodologia e análise de dados de pesquisa

Por meio da combinação de abordagens quantitativas e qualitativas, como sugere Flick (2009) e Orozco Gómez e González Reyes (2011), realizamos a coleta e análise de *tweets* marcados com a hashtag #AnittaRepresentaAMulherBR no dia 8 de Março de 2016, na rede social Twitter. Em observação temporal, verificamos que a data motivou diversas campanhas nas redes sociais digitais, provavelmente impulsionadas pelo debate ao assédio promovido desde o final de 2015 pelas hashtags #primeiroassedio e #meuamigosecreto. Acreditamos que a série histórica do volume de menções para a hashtag #diainternacionaldamulher (Figura 1), ilustra o contexto da época e a proporção que tais mensagens obtiveram. Ademais a *hashtag* #diainternacionaldamulher também foi utilizada em algumas mensagens coletadas com a #AnittaRepresentaAMulherBR.

Figura 1: série histórica para menções #diainternacionaldamulher



Fonte: gráfico coletado no TrendsMap em 08/03/2019

Adotamos métodos e técnicas de monitoramento e a Análise de Redes Sociais (ARS), com base em Frago, Recuero e Amaral (2011), sendo que as mensagens (*tweets*), consideradas uma amostragem da *tag* analisada, foram coletadas por meio da extensão NCapture do software NVivo. Essas, então compiladas em arquivos e exportadas para o Excel, o qual possibilitou a separação dos *tweets* e *retweets*, bem como a volumetria dos dados (Quadro 1) para posterior codificação.

Quadro 1: volumetria dos dados coletados

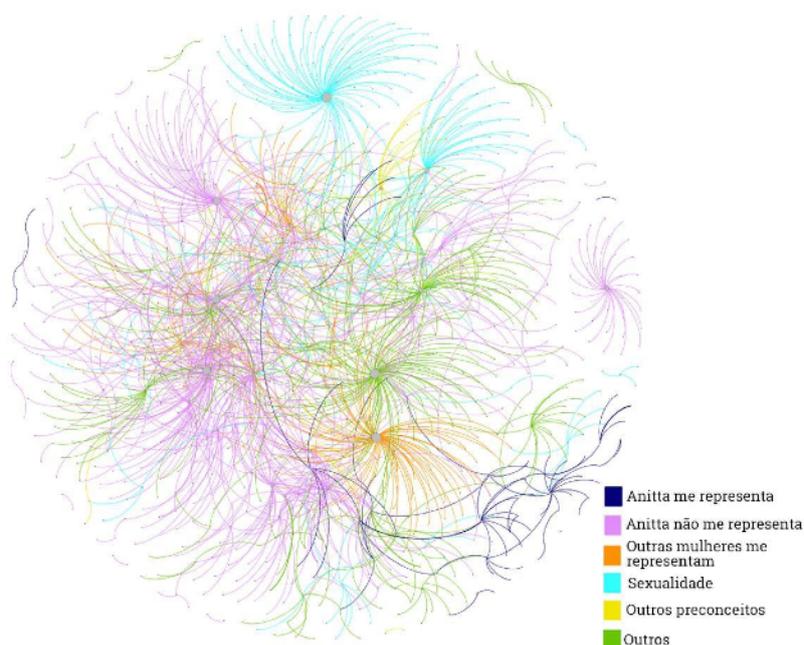
Hashtag	Tweets	Retweets	Retweets Exclusivos	Total de comentários coletados
#AnittaRepresentaAMulherBR	957	1600	288	2.845

Fonte: as autoras a partir de mineração dos dados no NVivo e Excel.

Qualitativamente, optamos por trabalhar, nesta pesquisa, apenas com os *retweets exclusivos*, sendo eles, então, divididos conforme as categorias de mensagens reconhecidas por meio da técnica de leitura flutuante: “Anitta me representa”; “Anitta não me representa”; “Outras mulheres me representam”; “Outros”. A partir disso, foram selecionados apenas os *tweets* da categoria “Anitta não me representa”, que são subdivididos em “Questão de sexualidade” que incluem a subcategoria “Anitta não representa minha mãe”, e “Outros preconceitos” que implicam também a “Questão de classe”. As mensagens são examinadas por meio da análise de conteúdo, tendo como objetivo identificar as construções simbólicas de rejeição, e até mesmo, repúdio a qualquer tipo de associação com a cantora Anitta.

Como estratégia para visualizar as relações e interações dos *tweeters* nas categorias de análise, transpomos com o auxílio do Excel, as categorizações dos *retweets exclusivos* para todos os *retweets*. Após, utilizamos o software Gephi para criar o grafo, qual deixa nítido a contestação da proposta original da #AnittaRepresentaAMulherBR, como ilustra a figura 2.

Figura 2: Grafo dos retweets categorizados em #AnittaRepresentaAMulherBR



Fonte: imagem obtida por manipulação dos dados no Gephi.

Como segunda estratégia para dar visibilidade ao conteúdo dos *retweets* criamos uma nuvem com os termos mais frequentes no NVivo (Figura 3). Excluímos do resultado a *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR para dar maior equidade às outras palavras. O “Não”, em posição de destaque, dá a tônica da repulsa à *tag*. Notamos outras palavras como “vergonha”, “absurdo”, “macho”, “bunda”, “esfrego” que remetem às reações negativas, bem como a “pitty” que indicia à qual cantora os *tweeteiros* consideraram uma representante da mulher brasileira. Como já comentamos, a *hashtag* #diainternacionaldamulher também está presente.

Figura 3: Nuvem de palavras mais frequentes nos retweets

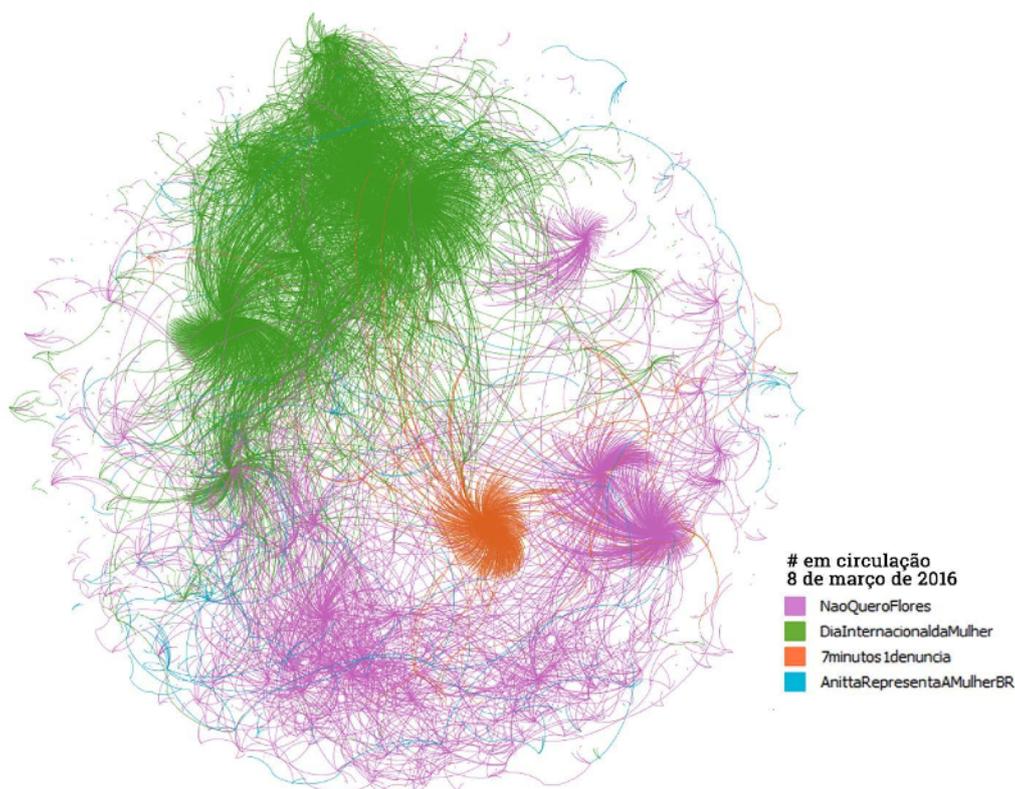


Fonte: imagem obtida por manipulação dos dados no NVivo.

Registramos que a temática referente à mulher circulou e alcançou os *trend topics*, naquela data, inclusive por iniciativa de veículos de mídia tradicionais com projeção nacional. O jornal Estadão postou no Twitter uma denúncia de agressões a mulheres a cada sete minutos, marcada pela *hashtag* #7minutos1denuncia. O intervalo de publicação corresponde à média de denúncias recebidas pela Central de Atendimento à Mulher nos 10 primeiros meses de 2015. Outras *hashtags* que observamos na data foram: #felizdiadasmulheres, #DiaInternacionalDaMulher, #NãoQueroFlores e estão representadas no grafo da Figura 4. Podemos notar que os fluxos de origem das mensagens são

diversos e que os comentários sobre a cantora Anitta, se entremeiam às discussões levantadas pelas demais *hashtags* capturadas.

Figura 4: Grafo circulação no Twitter em 8 de março de 2016



Fonte: imagem obtida por manipulação dos dados no Gephi

A discussão em torno da #AnittaRepresentaAMulherBR deixa visível que a circulação das mensagens majoritariamente contesta a proposição da *hashtag*. Como a identidade é um conceito que se sustenta por meio dos sistemas simbólicos nos quais estamos inseridos, é a partir da representação que podemos compreendê-la. Segundo Hall (1997 apud WOODWARD, 2012, p.9) “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações em seu interior.” Ao negar a representatividade de Anitta com a mulher brasileira, algumas mensagens sugerem outros nomes, em sua maioria de celebridades. A não identificação, em alguns *tweets*, é atrelada à sexualidade vista como negativa e vulgar, além de outros preconceitos, como classe social. Também há mensagens classificadas como “outros” como as que continham links atualmente inacessíveis ou que não faziam menção direta a Anitta, mas, por exemplo, ao fato da # estar nos *trends topics*.

A identidade também é pautada na diferença, ou seja, ela existe a partir da comparação ou negação do “outro”. Desta maneira, a identidade opera em uma área de disputas e conflitos que pode



resultar em “crises identitárias”, especialmente ao que se refere a identidades coletivas, como é o caso da identidade nacional. A rejeição à ideia de que Anitta possa representar a mulher brasileira implica em reações de negação, ou seja, negação da identidade brasileira e negação da identidade de gênero, como podemos observar em alguns *tweets*³. A lógica existente nestes comentários é da exclusão, em que se Anitta é mulher e brasileira, este lugar não corresponde às formas de representação de si para os *twiteiros*. Como expresso por Woodward (2012, p.19), “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e de quem é excluído”.

Acabei de ter certeza que nasci no país errado #AnittaRepresentaAMulherBR

#AnittaRepresentaAMulherBR vou me naturalizar de outro país então

A PARTIR DE HOJE MINHA MAE NÃO MORA NO BRASIL
#AnittaRepresentaAMulherBR

Bem, ou não sou mulher, ou não sou brasileira. Que tag lixo
#AnittaRepresentaAMulherBR

acabei de descobrir que não sou mulher #AnittaRepresentaAMulherBR

Virei homem e não sabia, socorr #AnittaRepresentaAMulherBR

Tendo em vista que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*” (WOODWARD, 2012, p.39, grifos do autor), iremos nos ater à análise da marcação de diferença pelas vias da sexualidade relacionada à classe social. Como aborda Ronsini (2016; et al, 2017), a representação das mulheres na mídia reforça a negativa associação da vulgaridade e hipersexualidade à classe popular, e nas classes altas, repercute em tons positivos a elegância e o cometimento sexual indo ao encontro do que propõe Bourdieu (2011a,b). Os comentários indiciam, como veremos, exclusão social também ao estilo musical de Anitta: o funk.

Anitta e o funk: classe e sexualidade

“Vocês pensavam que eu não ia rebolar minha bunda hoje, né?” diz Anitta na gravação de um de seus shows para DVD antes de performar sua música “Movimento da Sanfoninha” em 2014. A frase, que acabou virando bordão da cantora, serve para evidenciar como sua música está ligada a expressões de sexualidade, aspecto vital no estilo musical de origem de Anitta, o funk carioca.

A artista, cujo nome de nascimento é Larissa de Macedo Machado, construiu através de sua persona Anitta uma performance de gênero que reflete o empoderamento, a mulher dona de si. O ideal “mulherão”, de um corpo curvilíneo e sensual, presente no imaginário perpetuado sobre a

³ Mantemos a grafia original dos tweets e deixamos a identificação de autoria anônima por entendermos que faz parte da ética da pesquisa on-line, em ambientes em que as mensagens são coletadas por software, sem interação com as pesquisadoras.



mulher brasileira, é reforçado por ela em muitas fases de sua carreira, que explora a sensualidade e feminilidade. “A partir desta relação entre performance, gênero e corpo, percebemos que Anitta é capaz de inscrever em seu próprio corpo signos de protesto em relação à artificial beleza hegemônica, evidenciando as ‘imperfeições’ em si mesma” (LIBARDI, CASTRO, 2018, p.8). A própria escolha do nome artístico Anitta é uma referência à minissérie “Presença de Anita” (Rede Globo, 2001) e à personagem vivida por Mel Lisboa: uma jovem extremamente lasciva que se relacionava com um homem mais velho e casado⁴.

Conhecido por sua desinibição em relação a assuntos sexuais, o funk, também por se tratar de um ritmo nascido nas favelas, pode gerar desconforto e até mesmo revolta⁵. Desde as coreografias, que, como explica Amorim (2009, p. 119), “envolve movimentos corporais de cunho sensual/erótico. A cena validada por meio da dança se inscreve no campo da sensualidade e do erotismo”, as letras das músicas e as apresentações visuais dos cantores e MCs, se ligam ao erótico, a expressão de algo que socialmente, só seria aceitável no âmbito privado - e por vezes, nem ali - , e não no público.

A avaliação de pontos da carreira de Anitta e suas relações com o funk e os preconceitos de classe servem como plano de fundo para compreendermos os comentários deixados na *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR. Nisso, nos parece evidente que a posição no espaço social (classe) implica para a expressão do corpo uma dada naturalização, “segundo o postulado da correspondência entre o ‘físico’ e o ‘moral’, nascido do conhecimento prático ou racionalizado que permite associar propriedades ‘psicológicas’ e ‘morais’ a traços corporais ou fisionômicos” (BOURDIEU, 2011b, p.80). Essa naturalização, na realidade, condiz a uma representação social do próprio corpo, a qual não escapa dos esquemas de percepção e avaliação daquele que percebe e daquele que é percebido (BOURDIEU, 2011b).

O traço corporal, como veremos adiante, da funkeira estaria associado às características comportamentais e morais socialmente representadas como constituintes das mulheres brasileiras de classes populares, incluindo o corpo curvilíneo e o mito de uma sensualidade natural, que se expande a uma dada forma de se vestir e de experienciar sua sexualidade. Os comentários abaixo ilustram tais associações.

#AnittaRepresentaAMulherBR se toda mulher brasileira for vulgar representa mesmo

#AnittaRepresentaAMulherBR só se representar vcs ne?? Pq eu mesma não esfrego bunda em macho por ai

Depois a brasileira é vista no exterior como prostituta e não se sabe porque.
#AnittaRepresentaAMulherBR

⁴ Com informações de GShow (<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/07/anitta-revela-origem-do-nome-artistico-e-brinca-se-falar-larissa-ninguem-sabe.html>) e Memória Globo (<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/presenca-de-anita/>). Acessos em: 25 nov. 2020.

⁵ Como mostra a proposta de criminalizar o funk de 2017, que recebeu mais de 20.000 assinaturas no site do Senado em apenas quatro meses. Segundo o site de notícias G1, ao ser convidado para debater a proposta em uma audiência pública, o criador da proposta disse “É claro que vou a audiência. Tenho de colocar esses funkeiros no lugar deles.”. A proposta foi negada pelo CDH. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/noticia/projeto-de-lei-de-criminalizacao-do-funk-repete-historia-do-samba-da-capoeira-e-do-rap.ghml>.



Então mulheres BR são um simples corpo mesmo, sem conteúdo
#AnittaRepresentaAMulherBR

Quando for criarem essas coisas assim,não generalizem,porque muita gente por aqui ainda tem dignidade. #AnittaRepresentaAMulherBR

#AnittaRepresentaAMulherBR chamou as mulheres de puta nossa

#AnittaRepresentaAMulherBR KKKKKK Nunca irá representar, as mulheres do Brasil. ainda mais com essa síndrome de dar

#AnittaRepresentaAMulherBR Me senti desrespeitada com essa tag, pq eu não saio rebolando e mostrando meu corpo pra ganhar money

#AnittaRepresentaAMulherBR Sério?!? Que tipo de mulher? A mulher vadia e arrogante? Então desculpem-me, não me representa.

O cú de quem inventou essa tag,sai fora desde quando todas as brasileira ficam rebolando a bunda pra ter sucesso? #AnittaRepresentaAMulherBR

Vulgar é um adjetivo que carrega sentido sexual e se associa a outras expressões de baixo calão utilizadas para referir-se a Anitta. Nos dicionários, vulgar é definido como: “Relativo ou pertencente ao vulgo, à plebe, popular”; “Que não se sobressai ou que não se destaca; banal, comum, corriqueiro”; “Que se revela de qualidade inferior; baixo, grosseiro [...]”. No contexto dos *tweets*, vulgar se torna um xingamento relacionado à classe e às formas de repreender e julgar a exposição e os usos do corpo. Uma mulher de classe alta é “sexy sem ser vulgar”, a vulgaridade, portanto, é a sexualidade das meninas da favela, com seus shortinhos apertados que vão os bailes funks rebolar, uma imagem de mulheres sexualmente disponíveis.

Precisamos lembrar a figura feminina no funk, que faz parte da identidade de Anitta. Antes uma cena predominantemente masculina, a partir do ano 2000 as cantoras femininas começam a ter notoriedade. Tati Quebra-Barraco, por exemplo, mudou o cenário do funk ao subverter os discursos masculinos e machistas – na época predominantes – com suas letras, falando sobre sexo abertamente, mas negando o papel da mulher subalterna que não está em controle de sua sexualidade. Como explica Amorim (2009, p.89),

No espaço discursivo do funk, a mulher apresenta um tom e uma corporalidade, inscritos no modo enunciativo, que lhe conferem um estatuto de fiadora de seu discurso. A representação que ela constrói de si mesma – representação essa proposta pelo próprio movimento, daí a ideia de estereotipagem – é a de um sujeito que rompe com os preceitos morais instituídos socialmente, que diz e age da forma que deseja. Ela afirma não se importar com o que falam e pensam a seu respeito e procura se mostrar para o outro (nesse caso, homens e mulheres que participam dos bailes, ou que ouvem as músicas, ou ainda, que assistem aos diversos vídeos que circulam no Youtube) como um ser legitimado para proferir determinados enunciados, executar determinadas ações, capaz de subverter preceitos instituídos socialmente. A funkeira acredita ser independente e extrovertida – ela também se considera “gostosa”, “popozuda” e “cachorra”, termos frequentemente associados à sua sexualidade.

Letras sobre como as funkeiras irão *provocar* os homens com sua dança e seu corpo, como elas serão *admiradas* por eles, fazendo outras mulheres sentirem *inveja*, e como elas são *livres para*



se *relacionar* com qualquer um, quando e onde quiserem, são muito populares e facilmente encontradas no repertório da maior parte das MC's, expondo características de mulheres sexualmente livres que não sentem vergonha do seu corpo - e por conta disso, não se importam de expô-lo. Elas preferem ser as que gostam de dominar a dinâmica de sedução, estando no controle do seu parceiro, e não ao contrário. O papel da mulher tradicional que não deve procurar nem instigar parceiros sexuais, não interessa nem um pouco a essas mulheres.

Anitta constrói sua imagem do mesmo modo: como sendo a de uma mulher sensual, ciente e dona da sua sexualidade, que provoca os homens e, de certa forma, os domina, como exemplificamos com algumas de suas letras:

[...] Então vem, não sou de fazer muita pressão/ Mas não vou ficar na tua mão/ Se você quiser não pode vacilar/ Demorar/ E pra te dominar/ Virar tua cabeça/ Eu vou continuar/ Te provocando [...]⁶

[...] Você ainda não entendeu/ Que sou eu quem está no controle/ Mas vamos lá/ Um passo de cada vez, que estou ficando com calor/ Sua calça vai roçando/ E eu já te tenho na minha/ Porque eu sou seu veneno/ Controlando seu corpo/ Você me dá o que eu quero/ Eu sou seu veneno/ Você está brincando com fogo/ Cuidado, que te queimo [...]⁷

Como mostra Amorim (2009, p.124), quando recupera os comentários de usuários em vídeos de funkeiras dançando, a mulher que corresponde ao padrão de beleza dessa comunidade, ou seja, que corresponde ao padrão de beleza de um corpo historicamente sexualizado (e que condiz também com o corpo de Anitta), e que ainda se mostra disponível sexualmente, “acabam por se tornar objeto de desejo sexual, mas não são levadas para outro lugar além da cama. Isso porque a beleza, a disponibilidade sexual e a sua atitude em relação ao sexo acaba por romper a possibilidade de controle dos seus corpos” (BONFIM, 2013, p.8).

A apropriação dos corpos negros como uma figura hipersexualizada resulta da desumanização originada do racismo, onde o padrão branco hegemônico esvazia a identidade desses indivíduos e se apropria deles como objeto de mero lazer. Essa ideia aparece representada na figura da Jezebel, uma mulher negra, que segundo os padrões estabelecidos por meio da perpetuação de estereótipos estigmatizados, aparece como promíscua e insaciável (BUENO, 2020). Conforme Chanter (2011,p.36), “o mito da hipersexualidade constrói a sexualidade das mulheres negras como imoral, patológica e incontrolável, em oposição às mulheres brancas tidas como puras, sem paixão e assexuadas”. Entretanto, existe também a resignificação dessa imagem construída a partir da condenação da sexualidade, na qual as mulheres negras, ao assumirem o protagonismo de suas próprias narrativas redefinem os valores de dominação e os transformam em meios de resistência. Como descreve Winnie Bueno (2020, p.136):

se por um lado a sexualidade de mulheres negras é utilizada pelos grupos dominantes para marcar diferenças raciais, é também a sexualidade que será uma

⁶ Trecho de *Bang* (2015) por Anitta. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/anitta/bang/>

⁷ Trecho da tradução de *Veneno* (2018) por Anitta. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/anitta/veneno/traducao.html>



forma de resistência às imagens de controle. As possibilidades de autodefinição para mulheres negras estabelecem -se a partir da organização de uma voz que possibilita o controle de narrativa a respeito de suas próprias narrativas.

A discussão sobre o funk ser um ato de resistência que promove a libertação sexual das mulheres, as empoderando para serem mais confiantes sexualmente *versus* o funk ser algo que promove a objetificação sexual das mulheres perpassa também as relações de identificação e classe. No momento que o funk se torna *mainstream*, ou seja, passa a ser consumido por pessoas que não fazem parte da favela, tem-se uma atenção maior ao tipo de mensagem que essas músicas transmitem. Conforme Amorim (2009, p.96):

Enquanto o funk estava “confinado” nos morros cariocas, o tratamento dado à mulher parecia incomodar apenas a poucos sujeitos, mas, a partir do momento em que ele passou a integrar as noites da Zona Sul de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, passou a chamar a atenção do poder público, de grupos de direitos humanos, grupos feministas, grupos religiosos, entre outros. É como se houvesse um choque entre duas culturas totalmente opostas e uma delas, nesse caso, a da zona sul, sofresse a influência negativa da outra (a cultura da favela).

Assim como no momento que Anitta é posta como sendo uma representação da mulher brasileira no geral, e não apenas como uma cantora de funk e da favela uma atenção maior é dada para o tipo de imagem que ela transmite. Cabe ressaltar que desde 2015 Anitta vem lançando músicas cada vez menos ligadas ao funk, e sim ao pop, “sofisticando” o seu estilo pessoal e fazendo cirurgias plásticas, se tornando cada vez mais palatável para o público brasileiro de classe média e alta.

As classes sociais são grupos que se distinguem de outros pelo fator econômico, ou como propõe Bourdieu (2011a) pelos modos como a estrutura de classe e seus capitais (econômico, social, cultural e simbólico) são corporificadas em um habitus de classe. Dessa forma, as mulheres são caracterizadas também por suas posições de classe, as quais delimitam seu lugar, onde ela pode estar, o que pode fazer, como se portar a guisa de uma feminilidade de classe, muitas vezes reforçada pela mídia (RONSINI, 2016). Diante disso, entendemos através da *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR o quanto isso permanece relacionado à figura pública da cantora.

#AnittaRepresentaAMulherBR mentira! quem representa a mulher brasileira é aquela que levanta cedo e pega no batente o dia inteiro

#AnittaRepresentaAMulherBR quem me representa e a minha vizinha. q sai todo dia 3h pra ir trabalhar

#AnittaRepresentaAMulherBR NUNCA quem representa a mulher brasileira na que sai todo dia de 05:00 da manhã

#AnittaRepresentaAMulherBR Tanta mulher com classe, fina e de padrão aceitavel e o que escolhem? Anitta

O discurso de classe está consolidado e relacionado ao trabalho, visto que nas menções a dignidade está vinculada ao labor e ao sacrifício, constituintes de uma narrativa heróica do cotidiano



(ESCOSTEGUY et al, 2013). Assim, Anitta não é tida como uma mulher digna, pois não acordou às 3h ou 5h da manhã para lutar pelo seu futuro, por mais que se dedique à sua carreira, esta não é valorizada, uma vez que conseguiu sucesso por “rebolar a bunda”. Ou seja, para os *tweeteiros*, ela ganhou dinheiro com seu corpo, mesmo que já tenha mostrado seu talento como cantora e empresária, seu sucesso ainda é indigno por conta do uso que representa fazer de sua sexualidade.

A pesquisa de Ronsini (2016) mostra que o estereótipo da mulher da classe popular mais comumente representado nas novelas é o da mulher “simples e batalhadora, da mãe dedicada e da mulher hipersensual (periguete). A mulher fatal da classe burguesa mantém sua elegância, ao contrário da hipersexualidade da mulher trabalhadora” (2016, p.57). Seu trabalho revela a identificação das mulheres da classe trabalhadora com a narrativa da mulher guerreira, mas explica que “Elas podem rejeitar as representações negativas de gênero, associadas a sua posição de classe, criticando a vulgaridade feminina na vida cotidiana e nas personagens femininas da telenovela, ansiando pelo ideal de elegância e comedimento burguês” (2016, p. 52).

Isto fortalece o conceito pensado por Goldenberg (2011) que aborda o uso do corpo como capital. O corpo aparece como um objeto de valorização tanto em um contexto do físico como do simbólico, transitando por vezes entre o social e o econômico, atuando como espécie de “moeda de troca”, e é expresso de maneira hiperidealizada e hipersexualizada. Dessa maneira, o culto ao corpo reforça a ideia de que “o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido” (GOLDENBERG, 2011, p.50).

Anitta ainda é uma representação midiática da mulher hipersexualizada da favela. Embora com o tempo tenha “refinado” sua aparência e trejeitos para se tornar mais próxima de um “padrão” socialmente aceito e rentável na indústria fonográfica, propaga uma imagem que muitas mulheres da classe popular não gostariam de estar associadas, pois identificam o estereótipo como nocivo. A cantora, que iniciou sua carreira no funk, apesar de ser bem-sucedida no Brasil, revela o latente preconceito de classe.

Considerações finais

Desde 2016, quando os *tweets* deste trabalho foram coletados, a carreira de Anitta despontou. Atualmente, é considerada uma das grandes artistas brasileiras e seu sucesso engloba a América Latina com vários *hits* em espanhol e inglês, além de parcerias com artistas internacionais, visando conquistar um público ainda maior. Sua imagem continua intrinsecamente conectada com sexualidade, seus cliques geralmente são focados em danças sensuais, seu corpo está exposto para admiração e suas letras tendem a abordar jogos de sedução. Sua imagem foi refinada, como comentado anteriormente, mas com o lançamento de *Vai Malandra* em 2017 Anitta mostrou que não está interessada em apagar suas origens.

Mesmo assim, Anitta ainda tem o seu nome envolvido em muitas questões polêmicas. Seu nome subiu nos *trending topics* no Twitter mais de uma vez com *hashtags* tão controversas quanto a



#AnittaRepresentaAMulherBR. Recentemente #AnittalsOverTheParty, hashtag que exige o “cancelamento” da cantora por conta da exploração da comunidade LGBTQI+ nos seus produtos, ação conhecida como *pink money*. Pois, embora sempre enalteça a comunidade, um dos seus maiores apoiadores, a cantora, por vezes, peca no posicionamento político contra questões que ferem esse público, como homofobia, transfobia e machismo.

Em 2020, a cantora lançou seu novo *single* cantado em espanhol, *Me Gusta*, uma parceria com a rapper americana Cardi B e o portoriquenho, também rapper, Myke Towers. O clipe da música, dirigido por Daniel Russel, foi gravado em Salvador, Bahia, e segundo a cantora, a escolha da locação deu-se pela representatividade cultural que a cidade possui. No vídeo, além da aparição de Anitta e suas parcerias internacionais, há o protagonismo de mulheres diversas em suas formas e cores como objetivo que exaltar a mulher e a cultura brasileira. Apesar do sucesso e das declarações da cantora, o trabalho foi alvo de críticas, já que, ao escolher lançar a música cantada em espanhol, ela teria reforçado estereótipos sobre o país, sobre a linguagem e suas referências culturais (ROHEN, 2020).

Assim, Anitta ainda causa revolta em partes da sociedade brasileira, enquanto alguns celebram a sua sensualidade e desinibição, outros consideram que Anitta esteja ferindo a imagem do Brasil propagando o clichê da brasileira hipersexualizada para o público internacional. Enquanto uns celebram o seu clipe filmado no Vidigal mostrando a realidade da periferia, outros a criticam por se apropriar da cultura local e fazer uso da estética afro apenas quando lhe convém.

Embora seja uma figura polêmica, não há dúvida que Anitta representa e traz à tona questões importantes que devem ser abordadas e discutidas por todos. Seja por instigar uma reflexão sobre apropriação cultural ou por “rebolar a sua bunda”, Anitta certamente está ajudando a fazer esses questionamentos a chegarem a um público mais amplo, e só por isso, já deveria ser reconhecida pelo seu impacto. Entretanto, compreendemos que para além da sexualidade, os sentidos implicados nas mensagens contra a cantora revelam preconceitos vinculados às mulheres de classes populares.

Referências

AMORIM, Márcia Fonseca. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino**. 2009. 188f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BONFIM, Leticia Laurindo de. Corpo e Poder no Funk Carioca. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10, Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373250586_ARQUIVO_corpoepodernofunkcariocafeminino.pdf Acesso em 12 jan. de 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011a.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. 1ª. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CHANTER, Tina. **Gênero: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.



ESCOSTEGUY, Ana Carolina et al. História de mulheres: heroínas de uma narrativa melodramática. **Intexto**, n. 28, p.100–117, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. Afinal, o que quer a mulher brasileira?. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 47-64, 2011. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000100004&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 26 set. 2020.

LIBARDI, Guilherme; CASTRO, Luiz Henrique. Vocês pensaram que eu não ia militar hoje? Cultura popular, gênero e classe no funk Vai malandra. **II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**. São Leopoldo, UNISINOS, 2018.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo; GONZÁLEZ REYES, Rodrigo. **Una cortada metodológica**: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Productora de Contenidos Culturales, 2011.

ROHEN, BIA. Anitta lança 'Me Gusta' e fala sobre expectativas para álbum internacional: "Quero o Brasil representado". **Revista QUEM**, 2020. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2020/09/anitta-lanca-me-gusta-e-fala-sobre-expectativas-para-album-internacional.html> Acesso em 26 set. 2020.

RONSINI, Veneza Mayora. **Telenovelas e a questão da feminilidade de classe**. *Matrizes*, v.10. nº 2, maio/agosto, 2016, p. 45-60. São Paulo: USP.

RONSINI, Veneza Mayora et al. Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres das classes populares. **E-Compós**, v. 20, p. 1-17, 2017.

SIFUENTES, Lírian et al. As classes populares dentro e fora da tela. **Derecho a comunicar**, n. 8, p. 1-13, 2013. WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. ed.11 Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.7-72.